

## Thomas Carlyle

### Sobre a história (1830)

Clio era representada entre os antigos como a filha mais velha de Memória e líder das Musas; dignidade que, quer olhemos para as qualidades essenciais de sua arte, quer para sua prática e aceitação entre os homens, continuamos a achar que lhe foi outorgada com acerto. A história, estando na raiz de toda ciência, é também o primeiro produto distinto da natureza espiritual do homem; a primeira expressão do que pode ser chamado pensamento. É um olhar tanto para trás quanto para diante; como, de fato, o tempo vindouro já está à espera, sem ser visto, mas definitivamente moldado, predeterminado e inevitável no tempo por vir; e o sentido de cada um está completo somente pela combinação dos dois. Os livros sibilinos, embora antigos, não são os mais antigos. Algumas nações têm profecia; outras, não: mas em todo o gênero humano não há tribo tão rude que não tenha se experimentado na história, mesmo que muitas delas não tenham aritmética bastante para contar até cinco. A história foi escrita com cordões de quipo, com pinturas em pena, com cintos de contas de conchas; mais frequentemente ainda com montes de terra e monumentais pilhas de pedras, nas pirâmides ou túmulos; pois o celta e o copta, o pele-vermelha assim como o homem branco vive entre duas eternidades e, em guerra contra o esquecimento, ele gostaria de se unir com todo o futuro e com todo o passado, estando-lhes já unido numa obscura relação inconsciente.

Pode-se dizer que o talento para a história nasce conosco, como nossa principal herança. Num certo sentido, todos os homens são historiadores. Cada memória escrita não está repleta de anais, nos quais alegria e tristeza, conquista e perda se alternam multiplamente? E, com ou sem filosofia, todas as fortunas de um pequeno reino interior e toda a sua política, externa ou interna, não se encontram inapagavelmente registradas? Mesmo nossa fala é curiosamente histórica. A maioria dos homens, como **podes** observar, fala somente para narrar; os falantes amplificam, não compartilhando o que pensaram, o que, com efeito, seria com frequência matéria de bem pouca importância, mas exibindo aquilo por que passaram ou viram, algo que não tem limite. Se fôssemos apartados da narrativa, o fluxo da conversa enlanguesceria em peças desconexas mesmo entre os mais sábios, e evaporaria totalmente entre os néscios! Assim, como não fazemos outra coisa senão pôr a história em prática, o que dizemos não é senão recitá-la: ou melhor ainda, toda a nossa vida espiritual, no sentido mais amplo, é construída sobre ela. Pois, estritamente considerado, o que é todo conhecimento senão experiência registrada e um produto da história, da qual raciocínio e crença, não menos que ação e paixão são materiais essenciais?

Numa forma limitada, e a única praticável, a história propriamente dita, aquela parte da história que trata das ações notáveis, foi incluída, tanto nos tempos modernos como nos tempos antigos, entre as artes mais elevadas, e talvez jamais tenha estado em lugar tão alto quanto em nossa época. Pois, enquanto outrora o charme da história consistia principalmente em gratificar nosso apetite comum pelo maravilhoso, pelo desconhecido, e seu ofício não era outro senão o do menestrel e do contador de estória, ela se tornou agora, além disso, mestra de escola e declara instruir deleitando. Se com a imponência de tal venerável caráter ela não pegou um pouco da sua austeridade e frigidez; se a leveza graciosa e o alegre vigor pictórico de um Heródoto ou Froissart não estão faltando na concisão lógica de um Hume ou Robertson, não é questão para nós aqui. É

suficiente que todos os eruditos, todas as mentes inquiridoras de todas as ordens estejam juntas em torno de sua arca, sopesando reverentemente as suas lições, como a verdadeira base da sabedoria. Poesia, teologia, política, física, cada uma delas tem seus adeptos e adversários, cada pequena guilda apoia uma guerra defensiva e ofensiva em prol de seu domínio particular, enquanto o domínio da história é como um empório livre, onde todos esses beligerantes se encontram e se abastecem pacificamente; e o sentimentalista e o utilitarista, o cético e o teólogo nos advertem, unânimes: examinem a história, pois ela é “filosofia ensinando por experiência”.

Longe de nós menoscar tal ensino, o próprio esforço de tentar obtê-lo já é precioso. Tampouco devemos perguntar com rigidez demasiada: qual foi o seu proveito até agora? Se muito do que a pequena sabedoria prática dos homens contém proveito do estudo da história manifesta ou de outras fontes menos alardeadas, pelas quais, segundo o presente estado da questão, um Marlborough pode se tornar grande nos interesses do mundo, como sabê-lo se nenhuma história preserva o que tirou das peças de Shakespeare? Mais ainda, como saber se no mesmo ensinamento por experiência a filosofia histórica decifrou adequadamente o primeiro elemento de toda ciência dessa espécie? Qual pode ser a meta e significado daquela vida maravilhosamente cambiante que ela investiga e retrata? De onde se originou o curso dos destinos humanos nesta terra, e para onde estão tendendo? Ou, na verdade, se eles têm algum curso ou tendência, são guiados realmente adiante por uma misteriosa sabedoria que não se vê, ou apenas giram às cegas em labirintos, sem guia reconhecível? Desde a era em que analistas monásticos se acostumaram a respondê-las à luz há tempos extinta de seus missais e breviários, essas questões, totalmente fundamentais, como se pode pensar, em qualquer filosofia da história, foram examinadas apenas de relance, dubitativamente e de longe, por muitos historiadores filosóficos; por vários deles, nem sequer de relance.

A verdade é que duas dificuldades se encontram no caminho, nunca inteiramente transponíveis. Antes de poder ensinar por experiência, a filosofia tem de estar preparada, e a experiência coletada e registrada de modo inteligível. Ora, deixando de lado a primeira consideração e atentando apenas para a segunda, alguém que examinou o curso dos assuntos humanos e o quão intrincada, complexa e insondável é a mistura de seus milhares de movimentos, dirá que uma representação verdadeira deles é fácil ou impossível? A vida social é o agregado de todas as vidas de homens individuais que constituem a sociedade; história é a essência de inumeráveis biografias. Mas se uma biografia, a nossa própria biografia, por mais que a estudemos e recapitulemos, permanece em muitos pontos ininteligível para nós, o que dizer desses milhões de biografias de que não conhecemos e não podemos conhecer os fatos, para não falar do significado deles!

Tampouco nos será de proveito asseverar que a condição geral interna da vida é a mesma em todas as épocas, e que somente merecem lembrança e registro os desvios notáveis da dotação natural e do quinhão comum e as variações mais importantes por que passou de tempos em tempos a figura exterior da vida. Antes se pode afirmar que a condição interna da vida, a meta consciente ou semiconsciente do gênero humano, se os homens não são meras máquinas de digerir, não é a mesma sequer em duas épocas; também as variações externas mais importantes não são fáceis de fixar ou sempre passíveis de representação. Qual foi o maior inovador, qual foi o personagem mais importante na história humana, o que transportou armas por sobre os Alpes e venceu as

batalhas de Canas ou de Trasimeno<sup>1</sup>, ou o camponês anônimo que forjou para si mesmo uma espada de aço? Quando o carvalho é cortado, a floresta toda ecoa junto; mas centenas de glandes são plantadas silenciosamente por alguma brisa imperceptível. Batalhas e tumultos de guerra, que na época atordoam todos os ouvidos, e intoxicam todos os corações com alegria ou terror, passam como brigas de taverna; e exceto algumas Maratonas ou Morgartens<sup>2</sup> são lembradas por acaso, não por mérito. Mesmo as leis, as constituições políticas, não são a nossa vida, mas apenas a casa em que se leva a nossa vida; ou nem isso, elas não são mais que as paredes nuas da casa; todo aquele mobiliário essencial, as invenções e tradições, os hábitos diários que regulam e suportam nossa existência não são obra de Drácons e Hampdens<sup>3</sup>, mas de marinheiros fenícios, de pedreiros italianos e metalúrgicos saxões, de filósofos, alquimistas, profetas e todo o longo cortejo esquecido de artistas e artesãos; os quais por primeiro nos ensinaram juntos como pensar e como agir, como dominar nossa natureza espiritual e nossa natureza física. Bem podemos dizer que a parte mais importante de nossa história está perdida sem recuperação; e – como outrora era habitual oferecer ações de graça “para clemências não reconhecidas” – é preciso olhar com reverência para os escuros lugares desocupados do passado, onde, em oblvio informe, nossos principais benfeitores jazem insepultos, com todos os seus diligentes esforços, mas sem os frutos destes.

Tal é a imperfeição daquela mesma experiência pela qual se deve ensinar filosofia. Mesmo com respeito àquelas ocorrências que não estão registradas, mas que, em sua origem, pareceram dignas de registro, o sumário das quais constitui o que agora chamamos de história, o nosso conhecimento delas não é totalmente incompleto? É possível representá-las como foram? A velha história de sir Walter Raleigh observando um tumulto de rua da janela de sua prisão, tumulto que depois foi reportado de três maneiras diferentes por três testemunhas, ela mesma diferindo de todas, é ainda uma verdadeira lição para nós. Considera como documentos e registros históricos se originam, e mesmo registros honestos, em que os repórteres não têm um olhar pessoal enviesado, caso que, não faltando nada mais, estará sempre entre os mais raros. As verdadeiras linhas diretrizes de uma transação histórica, os movimentos que a caracterizam essencialmente e que são as únicas dignas de registro, não são de modo algum as que se devem antes de tudo notar. Primeiramente, entre as várias testemunhas, que são também partes interessadas, só há um vago assombro, e medo ou esperança, e o rumor de milhares de línguas; depois de uma temporada, o conflito das testemunhas se conserva em algum desfecho geral; e então fica assentado, por maioria de votos, que tal ou tal “Travessia do Rubicão”, um “Impedimento de Strafford”, uma “Convocação dos notáveis” são épocas da história do mundo, ponto cardeais de que dependem as grandes revoluções do mundo. Suponha, entretanto, que a maioria dos votos estava totalmente errada; que os pontos realmente cardeais se achassem muito mais no fundo; e passassem inapercebidos, porque ali casualmente não havia nenhum observador, mas apenas meros circunstantes! Nosso relógio bate quando há mudança de hora em hora; mas nenhum martelo no relógio do tempo repica pelo universo, quando há mudança de uma era para outra. Os homens não entendem o que têm nas mãos: assim como calma é a característica da força, assim também as causas de maior peso são mormente silenciosas. Em caso algum é a transação histórica real, mas somente um esquema e teoria mais ou menos plausível da transação

---

<sup>1</sup> Vitórias de Aníbal sobre o exército romano durante a Segunda Guerra Púnica. (NT)

<sup>2</sup> Menção à célebre batalha de Maratona, em que os gregos venceram e a batalha de Morgarten, na qual confederados suíços venceram o exército austríaco do duque Leopoldo I. (NT)

<sup>3</sup> Drácon: famoso legislador ateniense do século VII A. C.; John Hampden: um dos líderes parlamentares que desafiaram a autoridade de Charles I da Inglaterra durante a Guerra Civil. (NT)

ou o resultado harmonizado de vários desses esquemas, com variação de um para outro, e variando todos em relação à verdade, que nós podemos ter esperança de observar.

Ainda que nossa faculdade de ver entre as coisas que passam jamais seja completa, há ainda uma discrepância fatal entre nossa maneira de as observar e a maneira como ocorrem. O homem mais dotado pode observar e, mais ainda, registrar apenas as *séries* de suas próprias impressões: sua observação, portanto, para passar por alto suas outras impressões, têm de ser *sucessivas*, enquanto as coisas dadas são frequentemente *simultâneas*; as coisas dadas não são uma série, mas um grupo. Na história efetiva não é como na história escrita: eventos atuais não estão de modo algum simplesmente relacionados uns aos outros como os pais e sua descendência; cada evento singular é a descendência, não de um, mas de todos os outros eventos, anteriores ou contemporâneos, e se combinará, por seu turno, com todos os outros para dar nascimento a novos eventos: é um caos de ser sempre vivo, sempre ativo, no qual os corpos se constituem, forma após forma, de inumeráveis elementos. E esse caos, ilimitado como a morada e duração do homem, inescrutável como a alma e o destino do homem, é o que o historiador quer pintar e medir, por dizê-lo assim, com linhas simples de poucas varas de extensão! Pois assim como toda ação, por sua natureza, deve ser figurada como extensa em largura e profundidade bem como em comprimento, ou seja, se investigamos sua origem, ela está baseada em paixão e mistério e se espalha em todas as dimensões, modificando e sendo modificada, como também avança para seu acabamento – assim também toda narrativa, por sua natureza, só tem uma dimensão; ela só se desloca na direção de um ou de sucessivos pontos: a narrativa é *linear*, a ação, *sólida*. Azar de nossas “cadeias” ou cadeiazinhas de “causas e efeitos” que tão assiduamente rastreamos por algumas braças de anos e hectares, quando o todo é uma imensidão vasta, profunda, e cada átomo está “encadeado” e entrelaçado a tudo! Na verdade, se história é filosofia que ensina por experiência, não se conhece até agora o homem que possa ser o escritor talhado para compor história. A experiência mesma requereria conhecimento do todo para registrá-la – caso a onisciência necessária para a filosofia que fosse interpretá-la estivesse pronta a questioná-la. Seria melhor que meros historiadores terrestres baixassem tais pretensões, as quais convêm mais à onisciência que à ciência humana; e, visando apenas a alguma pintura das coisas realizadas, deixassem o significado inescrutável delas como um segredo confesso; ou, quando muito, em crença reverente, bem diferente daquele ensino da filosofia, se detivessem diante dos misteriosos vestígios Dele, cuja trilha se encontra na grande profundez do tempo, que a história, de fato, revela, mas que somente toda a história, e na eternidade, revelará claramente.

Tais considerações seriam, na realidade, de pouco proveito, se elas, em vez de nos ensinar cuidado e reverente humildade em nossas investigações sobre a história, diminuíssem nossa estima por elas ou nos desencorajassem da sua busca infatigável. Investiguemos mais e mais o passado; que todos os homens o explorem, como a verdadeira fonte do conhecimento, apenas pela luz da qual, consciente ou inconscientemente empregada, o presente e o futuro podem ser interpretados ou conjecturados. Pois, embora o sentido completo se encontre muito longe de nosso alcance, no complexo manuscrito, recoberto de caracteres desconhecidos, informes, inextrincavelmente emaranhados – que mais é um *palimpsesto*, outrora redigido numa escrita profética, ainda obscuramente legível nele –, algumas letras, algumas palavras ainda podem ser decifradas; e se nenhuma filosofia completa, nenhum preceito inteligível, aproveitável na prática, pode ser colhido aqui e ali: bem se compreende, nesse ínterim, que é apenas uma pequena porção o que deciframos; que esse pouco ainda resta

por interpretar; que a história é um manuscrito profético real, e não pode ser plenamente interpretado por homem algum.

Mas o artista na história pode ser distinguido do artesão na história; pois aqui, como em todos outros âmbitos, há artistas e artesãos: homens que trabalham mecanicamente num segmento, sem olho para o todo, não sentindo que há um todo; e homens que enformam e enobrecem o mais humilde segmento com a ideia do todo, e habitualmente conhecem que somente no todo a parte pode ser verdadeiramente discernida. O procedimento e os deveres desses dois com respeito à história têm de ser de todo diferentes. Não, com efeito, que cada um não tenha um valor real, em seus diversos graus. O simples agricultor pode lavrar seu campo e, pelo conhecimento que obteve de seu solo, semeá-lo com o grão adequado, embora as pedras profundas e os fogos internos lhe sejam desconhecidos; sua colheita paira, abaixo e acima do firmamento das estrelas, e navega pelos espaços celestiais insondáveis, entre Áries e Libra; não obstante, ela irrompe para ele na estação devida, e ele a recolhe em segurança em seu celeiro. Como agricultor, ele é irrepreensível por desconsiderar essas maravilhas mais excelsas; mas como pensador e fiel investigador da natureza ele estaria errado. É mais ou menos assim com o historiador que examina algum aspecto especial da história e, desta ou daquela combinação de circunstâncias, políticas, morais e econômicas, e dos resultados a que levam, infere que tais e tais propriedades fazem parte da sociedade humana, e que circunstâncias semelhantes produzirão o resultado semelhante; inferência esta que, confirmada por outras provas, tem de ser considerada verdadeira e válida praticamente. Ele só está errado, e enquanto artista, se imagina que essas propriedades, descobertas ou passíveis de o serem, esgotam a matéria, não vendo, a cada passo, que é inexaurível.

Todavia, aquela classe de especuladores da causa e efeito, para os quais nenhum assombro permanece assombroso, mas todas as coisas do céu e da terra têm de ser calculadas e “explicadas em suas razões”, para quem o desconhecido, o infinito na vida humana obtém um símbolo algébrico e determinado valor sob as palavras *entusiasmo*, *superstição*, *espírito da época* etc. —, essa classe de especuladores agora quase já desempenhou o seu papel na cultura europeia, e tem de ser considerada como pendendo para a sua extinção na maioria dos países, mesmo na Inglaterra, onde dá seus últimos suspiros. Aquele que lê o inescrutável livro da natureza como se fosse um livro caixa do comerciante, é justamente suspeito de não ter jamais visto aquele livro, mas apenas alguma sinopse escolar dele; do qual, tomado como se fosse o livro verdadeiro, se extrai mais erro que discernimento.

Sem dúvida, é também com o crescente sentimento da natureza infinita da história que, nesses tempos, o velho princípio, a divisão do trabalho, tem sido tão amplamente aplicado a ela. Noutros tempos único cultivador da história, o historiador político encontrou agora muitos associados, que se empenham em elucidar outras fases da vida humana, e as condições políticas pelas quais passa não é, como se sugeriu acima, senão uma delas, e, embora primeira, talvez não seja a mais importante de seus vários arranjos externos. Além disso, desse historiador mesmo, em seu próprio segmento particular, começam a se esperadas coisas novas e mais elevadas. Há tempos se observava bastante frequentemente com reprovação a seu respeito que ele se delongava, com apego desproporcional, nas casas do senado, nos campos de batalha e até nas antecâmaras do rei, esquecendo que, bem longe dessas cenas, a poderosa maré de pensamento e ação continuava oscilando em seu curso assombroso, entre esmaecida e luminosa; e que, em milhares de vales remotos, um mundo inteiro de existência, com ou sem um sol terrestre

de felicidade para aquecê-lo, com ou sem um sol celeste de santidade para purificá-lo e santificá-lo, estava florescendo ou fenecendo, independentemente de se ter ganhado ou perdido a “famosa batalha”. Parece estar chegando o tempo em que muito disso deve ser corrigido, e aquele que não vê senão o mundo da corte e dos campos, e escreve somente como soldados foram treinados e mortos, como esse conspirador ministerial repeliu aquele outro e então guiou ou, antes, manteve algo que ele chama de o timão do governo, mas que era mais a torneira dos impostos, que, ao invés de pilotar, ele tinha de abrir e fechar, e, com quanto mais astúcia, tanto mais próximos os abrigos<sup>4</sup> –, ele passará por um jornalista mais ou menos instruído, mas não mais será chamado de historiador.

Mesmo, no entanto, que realize sua obra com toda a perfeição concebível, o historiador político não cumprirá senão parte dela, e restará ainda espaço para seus companheiros de trabalho. O primeiro dentre estes será o historiador eclesiástico, que buscará, de um ponto de vista geral ou sectário, traçar os progressos da igreja, daquela porção dos estabelecimentos sociais que se referem a nossa condição religiosa, assim como a outra porção se refere a nossa condição civil ou, a longo prazo, a nossa condição econômica. Conduzido com propriedade, este segmento seria indubitavelmente o mais importante dos dois, uma vez que nos importa mais entender como o bem-estar moral do homem foi e pode ser promovido do que entender, da mesma maneira, o seu bem-estar físico; este último é, no fim das contas, o objetivo de todas as organizações políticas. Pois aquele que é o mais feliz fisicamente é simplesmente o mais saudável, o mais forte; e, em todas as condições de governo, o poder (quer da riqueza, como nos dias atuais, quer das armas e adeptos, como antigamente) é o único emblema exterior e a moeda de compra do bem. No entanto, raramente ou, antes, jamais se diz que o verdadeiro bem é posto à venda no mercado em que essa moeda é corrente, a menos que suponhamos o prazer como sinônimo dele. De modo que, para a verdadeira vantagem do homem, a influência primordial não é a condição externa de sua vida, mas a condição interna e espiritual; não a forma de governo sob a qual ele vive e o poder que ali pode acumular, mas a igreja de que é membro, e o grau de elevação moral que pode alcançar pelos meios de sua instrução. A história eclesiástica, portanto, se falasse sabiamente, teria segredos importantes para nos ensinar; e mesmo, no seu máximo grau, ela seria uma espécie de Escritura sagrada contínua, já que nossos Livros Sagrados são, com efeito, apenas a história da igreja primitiva, tal como surgiu na alma humana e se corporificou simbolicamente em sua vida externa. Não precisamos apontar o quanto nossos atuais historiadores eclesiásticos se encontram abaixo de tais padrões inatingíveis, e até bem abaixo de aproximações atingíveis deles. Nossa queixa em relação ao historiador eclesiástico é a mesma que em relação a seu colega político, de que suas investigações se voltam antes para o mecanismo exterior, para a mera casca e acidentes superficiais do objeto do que para o objeto mesmo; como se a igreja estivesse nas sedes dos bispados, nos salões de concílio ecumênico e nos conclaves dos cardeais, e não distante dali, no coração dos homens crentes; a influência e as principais manifestações deste deve ser procurada nas suas ações e nas suas conversas, e é aqui que seu progresso ou declínio é avaliado. A história da igreja é a história tanto da igreja invisível como da igreja visível; esta última, desligada daquela, não passa de um edifício vazio; ele pode ser embelezado e forrado de presentes votivos, mas que são inúteis e pestilentamente sujos; escrever a sua história é menos importante do que apressar a sua ruína.

---

<sup>4</sup> A metáfora estendida se perde na tradução. Carlyle compara a figura do timão à borboleta da torneira, ambos controlados por movimentos semelhantes. O “condutor” se torna, na verdade, o gerente, o ministro da economia. (NT)

De caráter menos ambicioso é a história que se refere a províncias particulares separadas da ação humana: às ciências, às artes práticas, às instituições e similares, matérias que não implicam uma epítome de todo o interesse e forma de vida dos homens, mas onde, embora cada qual esteja ainda conectada com todas as outras, o espírito de cada uma, ou pelo menos os seus resultados materiais, pode ser em algum grau desenvolvido sem tão estrita referência ao das outras. Da mais alta dignidade e dificuldade, nesse tópico, seriam as nossas histórias da filosofia, das opiniões e teorias humanas referentes à natureza do seu Ser e relações com o universo visível e invisível; história esta, com efeito, que, tratada adequadamente ou adequada para um tratamento correto, seria um ramo da história eclesiástica, o seu ramo lógico ou dogmático, pois a filosofia, em seu sentido verdadeiro, é ou deveria ser a alma da qual a religião, o culto é o corpo; no estado saudável das coisas, o filósofo e o sacerdote são um só e o mesmo. Mas a filosofia mesma está muito longe de vestir esse caráter; tampouco os seus historiadores foram homens, falando em geral, que pudessem se aproximar dele no mais ínfimo grau. Desde a era rude dos mágicos e druidas, a mesma identificação saudável do sacerdote e do filósofo raramente ocorreu em qualquer país, ao contrário, o culto das coisas divinas e a investigação científica das coisas divinas estiveram em mãos bens diferentes, suas relações não eram amistosas, mas hostis. Os Brückers e Bühles, para não falar dos muitos infelizes Enfields que trataram desse último segmento, não passaram de áridos repórteres, frequentemente ininteligentes e ininteligíveis, da doutrina que transmitiam; sem força para descobrir como a doutrina se originou e qual a sua referência para com sua época e país, para com a posição espiritual do gênero humano aqui e então. Não, tal tarefa talvez não se apresentasse a eles como algo a ser buscado.

Também arte e literatura estão intimamente unidas à religião, por assim dizer, como anteparos e esteios com os quais aquele sumo pináculo em nosso mundo interior se conecta gradualmente com o nível geral, tornando-se acessível a partir dali. Aquele que escrevesse uma história adequada da poesia pintaria para nós as sucessivas revelações obtidas do espírito da natureza; sob que aspectos ele captou e tentou dar corpo aos vislumbres daquela beleza inefável que, na sua suprema clareza, é religião, é inspiração de um profeta, mas que deve inspirar, num ou noutro grau, todo cantor verdadeiro, mesmo que seus temas jamais sejam tão humildes. Veríamos por que degraus os homens ascenderam ao templo, o quão perto se aproximaram dele; por que desventura se desviaram dele por longos períodos, e aviltando-se pela planície sem nenhuma música no ar, ou lutando cegamente para chegar a outras alturas. Que não haja tal historiador entre todos os nossos Eichhorns e Wartons, deve estar bastante claro para qualquer um. Não obstante, não nos desesperemos de que possa haver maiores aproximações daquela excelência. Sobretudo, mantenhamos o seu ideal sempre diante dos olhos, pois somente assim temos chance de alcançá-lo

Nossas histórias das leis e constituições, em que mais de um Montesquieu e Hallam têm trabalhado com aprovação, são de natureza muito mais simples, mas bastante profunda, se plenamente investigadas, e úteis, se autênticas, mesmo com pouca profundidade. Temos então memórias de medicina, de matemática, de astronomia, comércio, cavalaria, vida monástica; e os Goguets e Beckmanns têm avançado com o que pode ser a mais farta contribuição de todas, uma história das invenções. O mérito e o esquema próprio de todas aquelas espécies ainda não vislumbradas e postas em práticas, e de muitas mais aqui não enumeradas, não requerem exposição.

Dessa maneira, entretanto, como observado acima, toda ação é estendida nas três dimensões, e a soma geral da ação humana é um universo inteiro; desconhecidos todos os seus limites, a história se empenha em atravessar, trilha após trilha, o intransponível, em diversas direções e interseções, para nos assegurar alguma visão superior do todo; em tal empresa, se cada historiador olhar bem em torno de sua própria trilha, rastreando-a com o *olho*, e não, como é mais comum, com o *nariz*, ele poderá ao menos se mostrar não de todo sem êxito. Rezando apenas para que a ampla divisão do trabalho não agrave aqui, como em toda parte, as nossas já fortes tendências mecânicas, pondo a perder o comando sobre o todo com a destreza manual nas partes e afastando mais do que nunca a esperança de obter alguma filosofia da história – desejemos-lhe um grande e cada vez maior sucesso.

Tradução de Márcio Suzuki

## *Ainda sobre a história*

A história recomenda a si mesma como o mais proveitoso de todos os estudos: e verdadeiramente, sob todos os aspectos, estudo algum poderia ser mais apropriado para um ser como o homem, que nasce, tem de aprender, trabalhar e partir depois de um período contado de anos, deixando descendentes e realizações, e assim justificar a si mesmo como porção vital do gênero humano. História é a carta de instruções que as gerações antigas escrevem e transmitem postumamente às novas; ela pode até ser chamada, ainda mais geralmente, de mensagem, verbal ou escrita, que toda a humanidade endereça a cada homem; é a única comunicação *articulada* (enquanto a inarticulada e muda, inteligível ou não, se encontra à nossa volta ou em nós, tão estranhamente entre cada fibra de nosso ser, entre cada passo de nossa atividade) que o passado pode ter com o presente, o distante com o que está aqui. Por isso, todos os livros, não passem eles de livros de canções ou tratados de matemáticas, são, com o curso dos anos, documentos históricos – como de fato o é todo discurso: assim podemos dizer que a história não é apenas o estudo mais apropriado, mas o único estudo, e inclui todos os outros, quaisquer que sejam. Aquele que fosse perfeito em história, que entendesse, visse e conhecesse em si mesmo *tudo* o que a família inteira de Adão *foi* até aqui e *fez* até aqui, seria perfeito em todo o saber existente ou possível; daí por diante, ele já não precisaria *estudar*; nada mais lhe restaria daí por diante senão *ser e fazer* algo ele mesmo, tal que outros pudessem fazer história disso e aprender com *ele*.

É bem sabido que perfeição, em qualquer gênero, não é o quinhão do homem; mas de todos os caracteres sobrenaturais perfeitos, este da perfeição na história (também facilmente concebível) é talvez o mais miraculoso. Evidentemente o mundo não verá um monstro impecável assim, nem mesmo no papel. O judeu errante, com efeito, começou a andar no Éden, e com o chapéu de Fortunato na cabeça! Nanak Shah<sup>5</sup> também, como lembramos, caminhou três dias em alguma fonte sagrada, e ali aprendeu todas as coisas: o método de Nanak era muito mais fácil, mas, infelizmente, impraticável – neste clima. Considerem, no entanto, a que imensurável distância os mais altamente imperfeitos dos Gibbons desempenham os seus papéis! Acreditai que não houve homens corajosos antes de Agamenão? Tudo estava morto e vazio além do Bósforo trácio? Do cabo Horn a Nova Zembla, à volta de todo o globo habitável, não havia um rato atarefado? Ou ainda, em referência ao tempo: a criação do mundo é, de fato, velha, comparada ao ano um; mas jovem, de ontem, comparada à eternidade! Ai! Toda a história universal não é senão uma espécie de história paroquiana, que o “reverendo sacerdote desta paróquia, membro do ‘nosso clube da cervejaria’ (sua instituição se deve a que a “salmodia” era solicitada ali), a compõe – de tal modo que todos os seus membros associados a elogiam. O quanto sabemos da *coisa* que agora se tornou silente, chamada passado, que um dia foi presente e suficientemente sonora? Nossa “carta de instruções” nos chega no mais triste estado; falsificada, manchada, perdida, de sua existência nada mais resta que uma tira, bastante difícil de ler ou soletrar.

Indizivelmente preciosa, entretanto, é nossa tira daquela carta, é nossa mensagem, escrita ou falada, tal como a temos. Somente aquele que entende o que foi, pode saber o que poderia ser e será. É da maior importância que o indivíduo averigue sua relação com o todo; está escrito que “o indivíduo não é de valia alguma, a menos que se junte com muitos na hora certa”. Em certo sentido, para o todo-instruído Nanak era muito fácil trabalhar sem desperdício de força (ou daquilo que chamamos falha) e produzir, na

---

<sup>5</sup> Fundador do siquismo e primeiro dos gurus siques. Viveu entre 1469 e 1539. (NT)

prática, uma nova história, tão perfeita como a velha que ele conhecia em teoria! Compreendendo o que foi o mundo dado, o que ele tinha e o que lhe faltava, quão poderosamente seu claro esforço interveio no momento certo e no lugar certo, avolumando toda a verdadeira corrente e tendência, sem em parte alguma anulá-la com a sua oposição! Infelizmente, uma correnteza deslizando assim suavemente, sempre mais acelerada, não é de modo algum aquela que nos foi designada; temos contracorrentes, contramarés desconcertantes; inumeráveis esforços (cada novo homem é um novo esforço) se consomem em redemoinhos sem rumo: o rio da existência corre, assim, selvagem, devastador; e, numa irracionalidade dolorosa, multidões e gerações inteiras se perderam e se perdem naquilo que jamais pode ter proveito. Metade da origem de tudo isso não está naquilo que chamamos falta de perfeição na história, e a outra metade, com efeito, não está numa outra falta ainda mais profunda, ainda mais irremediável?

Seja-nos permitido admitir aqui, no entanto, que a natureza não é de modo algum censurável no que diz respeito a essa falha histórica: considerando a outra face da questão, admiremos, antes, os sofrimentos que teve, a provisão verdadeiramente magnificente que fez para que aquela mensagem instrutiva pudesse chegar a nós em ilimitada plenitude. Temos dons, faculdades o bastante; é seu sábio desejo, também, que nenhuma faculdade a nós atribuída enferruje de desuso; a milagrosa faculdade da fala, uma vez concedida, se torna não mais uma dádiva que uma necessidade; a língua se mantém em movimento, com ou sem muito sentido; e somente em algum La Trappe<sup>6</sup>, por indizível autocontrole, se abstém de tagarelar. Os dedos que aprenderam o milagre da escrita tampouco podem ficar ociosos; se há uma fúria de falar, sabemos também que há uma fúria de escrever, talvez a mais furiosa das duas. Diz-se “os homens são tão ávidos de falar, que não deixam que se fale”, mas, por outro lado, a escrita se faz geralmente em privado, e cada um tem a própria escrivanhinha e tinteiro, e ali ele senta sem nenhuma restrição de sua independência. Por último, multipliquem por mil esse poder da pena, quer dizer, inventem a imprensa, com seus diabos-impressores, seus editores, colaboradores, livreiros, pregadores de cartazes, e vejam no que isso vai dar! Tais são os meios com que a natureza e a arte, irmã da natureza, equiparam o seu favorito, o homem, para publicar a si mesmo ao homem.

Considerem agora duas coisas: primeiro, que uma língua, de velocidade média, publicará à razão de um grosso volume em oitavo por dia; e então quantas bocas suficientemente ligeiras pode se supor estarem agindo a esta hora neste planeta terra, nesta cidade de Londres! Segundo, que em vinte quatro horas um colaborador literário, se seu coração está funcionando bem e ele não está premido pela fome, concluirá suas duas laudas de revista tantas vezes quanto cremos estar informados; tais colaboradores se contam agora não aos milhares, mas aos milhões. Mais ainda, tomando a história em seu sentido mais estrito, vulgar, como mera crônica de “ocorrências” das coisas que, como dizemos, podem ser “narradas”, nosso cálculo se altera pouco. Simples narrativa, deve-se observar, é a grande matéria da fala; “o homem comum”, diz Jean Paul, “é copioso em narrativa, parco em reflexão; só com o homem cultivado se dá de outro modo, inversamente”. Admitindo que a milésima parte da publicação humana fosse para a emissão do pensamento, ainda que talvez a milionésima fosse suficiente, temos ainda novecentos e noventa e nove empregadas na história em sentido próprio, relatando ocorrências ou conjecturando probabilidades a respeito, quer dizer, empregadas na história ou profecia, que é uma nova forma de história – e assim o leitor pode julgar com que abundância se fornecesse esse alento de vida do intelecto humano em nosso mundo; ele pode julgar se a natureza foi avara ou munificente com ele. Coragem, leitor! O

---

<sup>6</sup> Referência aos trapistas, monges da ordem dos cistercienses da abadia de La Trappe (França), conhecidos por seguir as normas da Estrita Observância. (NT)

investigador histórico jamais precisará de pábulo, melhor ou pior: não há quarenta e oito pés longitudinais de história, impressa em corpo pequeno, no seu jornal diário?

A verdade é que se a história universal é tal mísera tira defeituosa, como a designamos, a falha não se deve a nossos órgãos históricos, mas inteiramente a nosso mau uso deles; digamos, melhor, em tantas faltas e obstruções, variando com as várias épocas, que pervertem nosso uso correto deles, especialmente as duas faltas que pressionam pesadamente em todas as épocas: falta de honestidade, falta de inteligência. Se o que se publica não é verdadeiro, é só uma suposição ou mesmo uma invenção premeditada, o que pode se fazer com ele, além de aboli-lo ou aniquilá-lo? Mas, além disso, verdade, diz Horne Tooke, significa simplesmente a coisa *encontrada*, a coisa acreditada; e então, desta para a coisa *mesma*, por que nova dedução fatal não temos de passar! Sem inteligência, mesmo a crença será de pouco proveito: e como sua publicação pode ser útil, se nela não há visão, mas mera cegueira? Pois, assim como nas nomeações políticas o nomeado não é aquele que é o mais hábil para cumprir a tarefa, mas apenas aquele que é o mais hábil para ser nomeado, assim também em todas as eleições e seleções históricas, a obra mais maluca é a que vai adiante. O acontecimento que mais merece ser conhecido é talvez aquele de que menos se fala; mais ainda, alguns dizem que é da natureza mesma de tais eventos ser assim. Desse modo, naqueles mesmos quarenta e oito pés longitudinais de história, ou mesmo se fossem esticados a quarenta e oito milhas longitudinais, pode não haver a quadragésima oitava parte de um fio de cabelo que resulte em qualquer coisa. Realmente, nestes tempos, a quantidade de publicação impressa que merece ser consumida pelo fogo antes que dela se possa extrair a menor vantagem duradoura, pode nos encher de espanto, quase de apreensão. Pena não se saber onde está o intrépido, hercúleo dr. Wagtail<sup>7</sup>, para reduzir todas essas montanhas de papel a combustível, extraindo delas três gotas de elixir inflamável?

Pois, com efeito, observando a atividade dos autores e da imprensa histórica ao longo desse último meio século, e que volume de história ele rendeu somente para esse período e como, daí em diante, ele é capaz de aumentar numa progressão geométrica de dez ou vinte vezes, a sensação que se pode ter é a de que não está longe o dia em que, percebendo que a terra inteira não poderia conter os escritos sobre aquilo que foi feito na terra, a memória humana teria necessariamente de cair confusa e parar de recordar! – Para alguns, pode ser nova e consoladora a reflexão de que esse nosso estado não é tão sem precedente quanto parece; que o caso é sempre semelhante com o que acontece com a memória e com as coisas dignas de ser recordadas. A vida de Nero ocupa algumas páginas de diamante de nosso Tácito, mas quantas devia encher nos arquivos de pergaminhos e de papiros da geração de Nero? O autor da *Vie de Sénèque*, selecionando dessa distância alguns poucos trechos residuais, a transformou com facilidade em dois volumes em oitavo. Por outro lado, se o conteúdo das memórias romanas então existentes ou, para ir até o mínimo detalhe, se tudo aquilo que foi então *dito* sobre elas fosse colocado em tipos, quantos “pés longitudinais” de paucas pequenas não teríamos – em cintos que dariam volta ao globo!

Antes de se tornar história universal, a história precisa, pois, mais que tudo, ser comprimida. Não havendo epítome da história, não poderíamos nos lembrar além de uma semana. Mais ainda, indo junto com ela e excluindo toda compressão, não poderíamos nos lembrar de uma hora, e nem mesmo nos lembrar em geral: pois o tempo, como o espaço, é *infinitamente* divisível; e uma hora, com seus acontecimentos, com suas sensações e emoções, pode se propagar numa tal expansão, que cobriria todo o campo da memória e impeliria tudo o mais para além dos limites. Entretanto, o hábito e a

---

<sup>7</sup> Literalmente, “dr. Alvéola”, pássaro da família dos motacilídeos (*Motacilla alba*). (NT)

constituição natural do homem prescrevem regras úteis à recordação, e nos mantém a distância segura de todas essas possibilidades fantásticas, em que só pode cair algum califa maometano maluco, mergulhando a cabeça num balde de água encantada e transformando um minuto molhado em sete longos anos de servidão e privação. O camponês mais rude tem o seu conjunto completo de registros anuais impresso legivelmente em seu cérebro, e nele estão introduzidas, sem o menor treino na arte mnemônica, as pausas, subdivisões e subordinações do que é menos ao mais importante. Como dia e noite, e todas as outras contradições dessa estranha vida dualista que é a nossa, memória e esquecimento são necessários para a existência um do outro: esquecimento é a página escura em que a memória escreve seus caracteres luminosos e os torna legíveis; se tudo fosse luz, nada poderia ser lido ali, não mais do que se tudo fosse escuridão.

Assim como ocorre com o homem e esses seus registros anuais autobiográficos, assim também ocorre com a humanidade e com a sua história universal, que também é a *sua* autobiografia: um talento igualmente inconsciente de lembrar e esquecer é aquilo que mais uma vez trabalha aqui. As transações do dia, por mais ruidosas que sejam, não podem permanecer ruidosas para sempre; o amanhã vem com seus novos ruídos, também clamando para ser registrados: no conflito e concerto imensurável desse caos de existência, uma figura submerge após outra, e tudo o que o que emergiu, deve um dia submergir: o que não pode ser mantido em mente será posto fora dela; a história contrai a si mesma numa extensão legível; e ao menos nas mãos de algum Bossuet ou Müller toda a história impressa do mundo, da Criação em diante, se tornará mais curta que o distrito de Portsoken para medir as horas de um único dia.

Se tal contração e epítome é sempre formada de maneira sábia, pode ser questionável ou, antes, como dizemos, inquestionável. Cleópatras ou Messalinas, Calígulas e Cômodos escandalosos sobrevivem para a memória, em proporção inaproveitável, enquanto um Pancirollus<sup>8</sup> científico tem de escrever seu livro das artes perdidas, e um Pancirollus moral, se a visão lhe fosse dada, poderia escrever um ainda mais desconsolado livro das virtudes perdidas; livro sobre homens nobres, agindo, arriscando, sofrendo, a vida heroica dos quais, como uma nova revelação e desenvolvimento da vida mesma, seria uma propriedade de todos, se não estivesse agora perdida e esquecida, já que a história encheu a página deles de outra maneira. De fato, aqui como em toda parte, o que chamamos acidente tem muito comando; em todo caso, a história tem de ser composta, não como deveria, mas como pode e quer.

Observem, não obstante, como uma certa aptidão para a seleção, e mesmo num alto grau, se torna inevitável apenas por tendência natural e, por assim dizer, sem premeditação humana. Totalmente imprestável a seleção não poderia ser, mesmo onde não houvesse melhor regra para guiá-la do que esta: que os homens falam permanentemente apenas daquilo que é existente e ativamente ativo à sua volta. Assim, coisas que produziram fruto, cujo fruto ainda cresce, se transformam naquilo que se escolhe para ser registrado e escrito; só elas são grandes e dignas de registro. A batalha de Châlons, onde a pátria huna e Roma terçaram espadas pelo domínio da terra, dois gigantes que, cruzando o mundo, desfizeram reinos com o movimento de suas espadas, essa batalha paira pálida na lânguida lembrança de uns poucos, enquanto a pobre traição de corte policial de um desventurado Iscariotes, ocorrida na desventurada terra da Palestina séculos antes por “trinta peças de prata”, esta vive claramente nas mentes e nos corações de todos os homens. Além disso, assim como só o que gera fruto é grande, assim também, de todas as coisas, aquela cujo fruto ainda está presente e crescendo é o maior,

---

<sup>8</sup> Guy Pancirollus, juriconsulto e antiquário italiano (1523-1599) (NT)

o que mais merece ser lembrado; ele é, como vemos pela natureza do caso, principalmente a coisa lembrada. Observem também como esse “principalmente” tende sempre a se tornar um “exclusivamente”, e o aproximado se aproxima continuamente mais e mais: pois uma trivialidade após a outra, perecendo da atividade dos homens, vai sumindo de sua fala e memória, e o que é grande e vital mais e mais sobrevive exclusivamente ali. Assim, um acidente corrige o outro, e no maravilhoso choque ilimitado das coisas (um poder diretivo o comanda ou, antes, reside *nele*) surge um resultado que pode se ajustar a elas.

Curiosa, sob todos os aspectos, e digna de ser examinada sem demora em nossa vida, é essa mesma compressão da história, qualquer que seja o seu processo. Como os “quarenta e oito pés longitudinais” se contraíram depois de um século, depois de dez séculos! Olhem para trás, do fim para o início, passando por qualquer história, passando por nossa própria *Inglaterra*: por que mais rápida lei da perspectiva ela diminui na tela! Um infeliz sibarita, se estamos a dois séculos dele e o chamamos Carlos II, terá vinte vezes o espaço de um Alfredo heroico; duas ou três mil vezes, se o chamarmos Jorge IV. Embora eventos para os quais a Magna Carta e a mundialmente famosa terceira apreciação<sup>9</sup> são como poeira na balança, toda a heptarquia saxônica se reuniu neles – pois a Inglaterra, para não mencionar mais nada, se uniu, se não representada no parlamento, ao menos convertida ao cristianismo –, toda a heptarquia saxônica, digo, está praticamente resumida naquela sentença de Milton, a única que os escritores posteriores copiaram ou que os leitores se lembraram: “choque e encontro de milhafres e coroas”. Tampouco foi desimportante aquela noite de bebedeira, em que dois irmãos de sobranceiras negras, cabeças grandes, cabeças duras, Hengst e Horsa (Garanhão e Cavalos), decidiram firmemente pela caçada de homens na Inglaterra, já que a caçada de javalis estava inflacionada em sua pátria; e assim de uns poucos anglos famintos se fez uma nação inglesa, que se implantou aqui – e produziu a *você*, leitor! De todas as campanhas de Hengst mal se pode escrever agora meia página de boa narrativa; nesse meio tempo, a visita do Lord Mayor a Oxford foi revelada à humanidade num respeitável volume. Daí o quê? A destruição de um teatro em Braunschweig não é narrada um milhão de vezes mais do que a criação do mundo?

Para usar um símile trivial, podemos comparar a história universal a uma teia mágica e considerar, com espanto, como, por perspicácia filosófica e indolente negligência, a fábrica sempre crescente teceu a si mesma para fora daquele imenso monte emaranhado de fios e franjas a que chamamos *memórias*; a cada novo alongamento, a cada nova *época*, ela modificou todas as suas proporções, sua cor e estrutura em relação a sua origem. Assim, os registros de Tácito não adquirem um novo sentido, depois de mil e setecentos anos, nas mãos de um Montesquieu? Niebuhr tem de reinterpretar para nós, de uma distância ainda maior, os escritos de um Tito Lívio; mais ainda, as crônicas religiosas arcaicas de um profeta hebreu e de um legislador não escapam da mesma sorte; e alguns graves Eichhorns investigam, com espetáculos filosóficos recém-inaugurados, a revelação de um Moisés e buscam reproduzir para este século o que, trinta séculos antes, foi de infinito significado claro para todos. Considerem a história com seus começos se espichando indistintamente até os tempos remotos, e emergindo obscuramente da misteriosa eternidade, enquanto os seus fins *nos* envolvem nesta hora, da qual nós, nesta hora, formamos parte, como atores e narradores. Numa figura matemática podemos denominá-la *hiperbólica-assintótica*: sempre de uma infinita largura à nossa volta, logo encolhendo em limites estreitos, sempre se estreitando mais e mais na profundidade infinita atrás de nós. Em essência e significado, ela foi chamada “o verdadeiro poema épico e a

---

<sup>9</sup> No original “Third Reading”: na Inglaterra é o último estágio de análise de uma matéria constitucional, antes de ser votada. (NT)

divina escritura universal”, cuja “plena inspiração” ninguém fora de Bedlam, “ou nele, colocará em questão”.